

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985. 88p.

- *Resenha* -

por

Claudio Roberto Farias Passos, PRODEMA-UFPE
cbetopassos@yahoo.com.br

O livro do professor Milton Santos¹ - Espaço e Método - foi publicado no ano de 1985 completando mais de três décadas como referência de leitura imprescindível para os pesquisadores que têm foco nas questões que envolvem o Espaço, seu Método e elementos para análise. De início, Santos faz "advertência ao leitor" para observar que a obra é composta por ensaios redigidos na década de 80, exceto um, "Dimensão temporal e sistemas espaciais no Terceiro Mundo", capítulo 2 que data dos anos 70. Todavia defende Santos que, a "atualidade da obra está assegurada" tendo como temática comum o *espaço humano*, vislumbrado analiticamente; ainda destaca que sobre a temática abordada será possível, ao leitor, perceber que ele desenvolveu questões novas e ou 'afloradas', contudo mantendo a coerência e não o imobilismo.

A obra Espaço e Método é introduzida pela nota denominada "Uma palavrinha a mais sobre a natureza e o conceito de espaço". Neste ponto, Santos apresenta um conjunto de dúvidas frequentes entre estudiosos do conceito de espaço, entre elas: como *caracterizar a abordagem da sociedade através da categoria espaço? Qual o papel dos ingredientes sociais e 'naturais' que*

¹ O geógrafo Milton Santos foi o único estudioso fora do mundo anglo-saxão a receber o que pode ser considerado o Nobel da Geografia pelo conjunto de sua obra: o prêmio Vautrin Lud. Seus esforços foram dedicados a dissecar a globalização da economia, enfatizando seu efeito devastador no Brasil, e propor saídas para que a população pobre não seja mais parte desse jogo apenas como vítima. Milton Santos publicou mais de 40 livros e 300 artigos. Doutor em Geografia pela Universidade de Estrasburgo e professor visitante em Stanford, atuava como consultor da ONU, da OIT, da OEA e da Unesco. Por causa de sua posição política, foi perseguido e preso, passando dois meses num quartel de Salvador, BA. Libertado, partiu para a França. Graças ao exílio forçado projetou-se internacionalmente. Nasceu em Brotas de Macaúbas, Bahia, em 3 de maio de 1926. Bacharel em direito pela UFBA. Diplomado, não chegou a exercer a profissão; prestou concurso público para professor secundário e foi lecionar Geografia em Ilhéus. Estudou e ministrou aulas na Europa, Américas e África. Foi professor das universidades de Paris, Columbia, Toronto e Dar Assalaam (Tanzânia). Faleceu em 2001. Informações disponíveis em http://www.canalciencia.ibict.br/notaveis/milton_santos.html, acesso em 25/06/16, às 13h.

compõem o espaço para descrever, definir, interpretá-lo e poder encontrar o espacial? E o que caracteriza a análise do espaço? Como passar do sistema produtivo ao espaço? A questão da periodização, da difusão das variáveis e o significado das 'localizações'? (p. 01).

Santos pontua que o atendimento as demandas acima não é fácil e a resposta é, sem dúvida, árdua tendo como causa a variedade de acepções do vocábulo espaço. Contudo, oferece aos leitores definição mais palatável onde o espaço deva ser considerado como fator da evolução social, não apenas como condição. Segundo ele, *“consideramos o espaço como uma instância da sociedade, ao mesmo título que a instância econômica e a instância cultural-ideológica”*. No fechamento da nota introdutória adjetiva o espaço como instância que contém elementos diversos de coisas e objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto é oferecido a Natureza e tudo somado a sociedade, reafirmados nos capítulos seguintes.

O capítulo primeiro "O Espaço e seus elementos: questões de método", Santos defende que o espaço deve ser considerado como uma totalidade, sendo própria da sociedade que lhe serve como agente. Cita pensamento de Bertrand Russel e envolve na discussão o chamado Elemento do Espaço, esse, seria a base de toda educação um tipo de princípio, luminosamente óbvio e admitido pelos homens. E alça o Elemento (no espaço, os homens, as firmas, as instituições, chamado meio ecológico e as infra estruturas) a uma categoria sendo tomada no sentido de verdade absoluta, presente em todos os tempos e lugares e desde que levando-se em conta o contexto histórico poderá partir para a compreensão das coisas em dado momento. Tem-se um verdadeiro Sistema.

No segundo capítulo denominado de "Dimensão temporal e sistemas espaciais no terceiro mundo", Santos argumenta que a noção de espaço é inseparável da ideia de sistemas de tempo. E os momentos da história local, regional, nacional ou global são ações de inúmeras variáveis dependente da condição do sistema temporal. Ainda, caso um elemento não seja relacionado a um dado dentro do sistema a que pertence ou pertenceu na época de sua representação não se estará utilizando um enfoque espaço-temporal.

Para Santos, citando J. Friedman (1968), a deficiência dos estudos espaciais tem como causa a representação de situações atuais, novas, como se estas fossem o resultado (apenas) de sua própria condição do passado. De maneira que o espaço deve ser encarado como o resultado da geografização de um conjunto de variáveis, de sua interação localizada, e não de efeito de variáveis isoladas que sozinha é carente de significado, como é fora do sistema ao qual faz parte.

Nesse ínterim, Santos apresenta os "fundamentos de uma periodização" em escala mundial, que coincide com o sistema temporal dividido em cinco épocas:

1. O período do comércio em grande escala (fins do século XV até meados 1620);
2. O período manufatureiro (1620-1750);
3. Revolução Industrial (1750-1870);
4. O período industrial (1870-1945);
5. O período Tecnológico (atual): da grande indústria e do capitalismo, das grandes corporações. A tecnologia aparece como uma condição essencial para o "crescimento" é o período denominado por Santos de Técnico-científico. Segundo Santos, esta periodização fornece a chave para o entendimento das diferenças de lugar para lugar, no mundo desenvolvido, bem como um conjunto coerente de formas de ação sobre os países da periferia.

Santos, no terceiro capítulo, apresenta outra perspectiva com o "Espaço e capital: o meio técnico científico" o termo Meio Técnico passou a ser utilizado a partir do momento que a produção se tornou social, também sofre sucessivas transformações de acordo com o contexto histórico e diferente intensidade nas diversas partes do mundo. De acordo com Santos, o sistema capitalista dá início ao processo de unificação das técnicas, mesmo que a variedade no seu uso permanecesse gritante, segundo os lugares. E o interesse do capital tornou-se universal promovendo o aperfeiçoamento técnico rápido, difundindo o uso das técnicas e promovendo também, o trabalho intelectual.

Ele argumenta que graças ao trabalho intelectual que se pode conhecer a expansão e transformação qualitativa do fenômeno de terciarização da economia e do emprego que conduz a um tipo de urbanização acelerada, tanto mais concentrada quanto os capitais como instrumentos de trabalho denominados Fixos Volumosos (p.38). De forma que a caracterização descrita,

ancorada no meio técnico científico, conduz a existência de movimento dos capitais fixos que ganham mais importância acarretando paralelamente um aumento dos "Fixos" e de "Fluxos", retomados mais adiante.

O quarto capítulo é denominado "Estrutura, Processo, Função e Forma como categorias do método geográfico". Santos, reafirma o espaço como realidade objetiva, como produto social em permanente processo de mutação e tendo a sociedade ditando a compreensão dos efeitos dos processos. Neste tópico o autor define o que se entende por forma, função, processo e estrutura. *Forma* é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. *Função* sugere uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa, instituição ou coisa. *Estrutura* implica a inter-relação de todas as partes de um todo; modo de organização ou construção; por fim o *Processo* pode ser definido como uma ação contínua, direcionando-se a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo e mudança.

Conforme Santos, sob um ponto de vista holístico, os conceitos acima formam a Totalidade. Assim, os quatro termos são disjuntivos, todavia associados, e caso empregados individualmente representam "apenas realidades parciais, limitadas, do mundo". Todavia, em conjunto e relacionados entre si podem construir base teórica metodológica a partir da qual possibilita ao pesquisador discutir os fenômenos espaciais da totalidade, a não divisibilidade mencionada a seguir.

Outro pensamento é visto: "Da indivisibilidade do espaço total e de sua análise através das instâncias produtivas", tema do quinto capítulo. Onde, para Santos "o espaço é total e deve desse modo, ser considerado como indivisível". O autor procura definir tal indivisibilidade indicando que o espaço é, e sempre foi o *locus* da produção e sem ela não há espaço e vice-versa (p. 61).

Igualmente, são expostos outros subtópicos denominados de *O espaço da circulação e da distribuição* onde o capital, materializado pelas firmas, dinamiza a circulação de produtos, as firmas mais poderosas agem de maneira mais eficaz sobre o território em função de poderem colocar sua produção, com mais agilidade, em pontos mais distantes em espaços de tempo menor e custo reduzido. E *o espaço de consumo* que é caracterizado pelo poder de aquisição de produtos. Esses, em localidades diferentes, até tem homogeneidade na

distribuição, todavia, o acesso somente ocorrerá em função da disponibilidade de recursos efetivos ou créditos oferecidos aos demandantes.

Santos finaliza o capítulo em tela reafirmando que os *espaços de produção, circulação, de distribuição e de consumo* podem ser distinguíveis, porém os valores reais não são dados de maneira independente, pois, "o espaço, como realidade, é uno e total" (p. 64). O espaço total é indivisível e cada ponto seu é solidário dos demais em todos os momentos, sendo denominado de Totalidade do Espaço.

O sexto e o sétimo capítulo, são complementares, apresentam "uma discussão sobre a noção de região" e "o estudo das regiões produtivas". Santos, inicia assinalando que a região já foi categoria "*par excellence* do estudo espacial", todavia, sofreu mudança tendo como causa as configurações econômicas e a internacionalização do capital em suas diferentes formas, nos diversos países. Ademais, diferencia o uso da *região* pelos países subdesenvolvidos favorecendo laços de cada subespaço nacional, em relação aos demais centros do sistema mundial; cada área reclamando para si certas funções, mas, que devido a falta de fluidez espacial (mobilidade de fatores) deixavam transparecer uma lógica própria, independente das relações do país como um todo e com o sistema mundial (p.65).

Como também insere na discussão os países desenvolvidos, espaços onde as regiões geográficas eram caracterizadas como Regiões Históricas, surgidas antes da revolução implementada pelos transportes; que influenciou tanto a configuração do espaço, quanto a vida econômica e cultural do país, assegurando relevante número de relações internas.

E a conclusão dos capítulos e feita retomando-se o conceito de Região. Classificando-a como um *locus* de determinadas funções da sociedade em dado momento (p.66), podendo também, exercer ligação que permite a presença de capitais fixos sobre determinadas funções técnicas aplicadas numa subdivisão materializada pela *região urbana* (tida como áreas satélites localizadas ao redor ou próximas a grandes centros). Também, inclui a *região agrícola ou produtiva* classificada como área dedicada a produção agrária.

Santos reservou para o capítulo oitavo a discussão sobre "a evolução espacial como cooperação e conflito em um campo de forças". Neste tópico, Santos

discorre sobre ação do Estado e do Mercado, bem como suas implicações na análise espacial. Para o autor o subsistema governamental é representativo dos interesses dominantes, porém às vezes, leva em conta os interesses sociais, pois, os recursos são utilizados a serviço do capital. Continua analisando criticamente o comportamento do Estado. Para o autor, ao Estado cabe a criação de Fixos necessários ao exercício das formas de produção e bem estar do homem, toma como exemplo as estradas (materializam a circulação, tema do capítulo final), que mesmo sendo bancadas com recursos públicos favorecem o surgimento de Fluxos voltados para o capital privado em detrimento da coletividade.

O último capítulo foi denominado "Espaço e distribuição dos recursos sociais". Santos faz outra crítica à ação do poder público quanto à falta de mínimas condições de vida digna da população. "Parece em primeiro lugar inviável, nas condições presentes, trazer às populações todos os serviços de que elas necessitam, em virtude da forma como os recursos são alocados; em segundo lugar, é provável que a própria realização de tais serviços, em lugar e tempo inadequados, venha agravar as condições agora reinantes". A discussão promovida neste tópico da obra de Santos gira ao redor de um mínimo de bem estar a todos, isto é, impedir que, deixados ao jogo 'natural' do mercado, os indivíduos fiquem cada dia mais pobres. O Estado, segundo Santos, é avarento de recursos para atender as necessidades crescentes de uma população crescente.

Santos finaliza a obra imputando ao mercado e ao Estado as causas da pobreza social. Como também, a organização espacial, pois, contribui para a elevação da condição de pobreza que é um fator na organização do espaço.

Resta implícito que Milton Santos defende o reconhecimento da densidade "demo-econômica", que inclui os homens com o seu poder efetivo de produzir e sua capacidade de circular. E deseja o não empobrecimento, da localidade (a cidade), em decorrência de desvios de recursos (pelo mercado), recursos que garantem saúde, educação e bem estar. O autor destaca que "a questão do desenvolvimento urbano e da pobreza, ou ainda melhor, do empobrecimento são intimamente relacionados" (p.88).

Espera-se que, este resumo da obra Espaço e Método, possa influenciar a (re)leitura de tal obra por estudantes de graduação ou pesquisadores que se debruçam diariamente a pensar as questões do uso do espaço e o método. O espaço é objeto de análise precípua dos estudos da ciência geográfica; as ideias defendidas por Milton Santos na obra em questão abordam conceitos fundamentais e imprescindíveis para quem realiza estudos e pesquisas. Certamente conduzirá o leitor a soluções de problemas, bem como poderá despertar (ou aprimorar) a uma visão crítica da situação contemporânea da sociedade e do espaço.

A compressão do tempo-espaço foi ativa e mesmo as três décadas que já se passaram, desde a publicação em 1985, não influenciou na atualidade das questões propostas na obra Espaço e Método, revividas neste singelo resumo.